



Narrando Fotograficamente a Religiosidade Popular: Maria Rezadeira, de Juazeiro do Norte CE¹.

Luiza Adriana Amorim EMRICH²

Marcelo Eduardo LEITE³

Universidade Federal do Ceará, Juazeiro do Norte -CE.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma série fotográfica que realizamos, cujo intuito foi de mostrar o cotidiano de dona Maria Iraci, rezadeira bastante conhecida e respeitada na Comunidade do Horto, em Juazeiro do Norte, sertão cearense. O objetivo aqui foi de acompanhar seu cotidiano e, por meio de um relato imagético, traçar uma narrativa fotojornalística que mostrasse dona Maria não apenas sob o viés religioso inerente ao seu ofício, mas também aspectos sua vida privada, sua relação com a família e com a comunidade.

PALAVRAS-CHAVE:Fotojornalismo; Religiosidade; Rezadeira

1. APRESENTAÇÃO: O CAMPO DA PESQUISA

Nosso trabalho foi desenvolvido como atividade de avaliação da disciplina Fotojornalismo, cadeira obrigatória do quarto semestre do Curso de Jornalismo. Escolhemos como objeto de análise para o desenvolvimento do trabalho final o acompanhamento do cotidiano de uma das rezadeiras que trabalham em Juazeiro do Norte, sul do Ceará. A cidade, município cearense localizado na microrregião do Cariri, a 533 km da capital, Fortaleza. É a maior cidade do interior do Ceará, com 249.939 habitantes, segundo censo do IBGE em 2010. Esse crescimento se deu, em grande parte, devido ao apelo religioso da figura do padre Cícero Romão Batista. Inicialmente pertencente ao Crato, a então vila de Tabuleiro Grande recebeu, em 1872, o recém-ordenado padre Cícero como pároco da capela Nossa Senhora das Dores. O sacerdote dizia que Jesus Cristo o havia incumbido, através de um sonho, da missão de cuidar do povo daquele lugar.

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 Comunicação Audiovisual do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Originalmente a série fotográfica que dá origem a esse artigo foi apresentada como trabalho de conclusão na disciplina Fotojornalismo, contando com a participação dos alunos Márcio dos Santos Feitosa, Bruna Vieira de Oliveira e Fleriston Lima Oliveira.

³ Orientador do trabalho. Professor Adjunto II da Universidade Federal do Ceará, *Campus* Cariri, e-mail: marceloeduardoleite@gmail.com



Durante o século vinte o fluxo de visitantes da cidade cresceu ano a ano, sobretudo após a morte de Padre Cícero, em 1934. Com a continuidade da devoção e a consagração dele como santo popular, Padre Cícero tornou-se referência para os Nordestinos, sobretudo as famílias mais humildes espalhadas por toda a região. No entorno desse processo uma ordenação se estabeleceu, com inúmeras práticas voltadas ao atendimento das necessidades desse grande público. Muitos hotéis e pousadas foram instalados, além dos famosos ranchos, nos quais a maioria dos devotos dividem quartos nos quais se acomodam em redes. Ainda, uma infinidade de itens religiosos é produzida, artesanatos variados, além de pessoas que profissionalmente executam variadas práticas religiosas.

É perceptível em Juazeiro do Norte a prática da religiosidade popular ao lado do catolicismo oficial. Um dos fenômenos mais expressivos disto é o ofício das rezadeiras: mulheres que conhecem as folhas e ervas e usam orações e gestos para curar mazelas do corpo e da alma. Um trabalho importante em comunidades rurais e em áreas carentes, pois as rezadeiras oferecem uma alternativa gratuita ao serviço médico, que muitas vezes não chega até essas pessoas.

Sem confrontações ou questionamentos, as rezadeiras evocam os santos católicos e a figura de Jesus Cristo durante as orações, ao mesmo tempo em que utilizam ervas sagradas, capazes de tirar “mau olhado”, por exemplo. Em Juazeiro do Norte, especificamente, Padre Cícero e Frei Damião também são evocados.

A lógica da religiosidade dentro do espaço urbano tem pontos definidos, locais nos quais os fluxos de pessoas estabelecem relações específicas. Em Juazeiro do Norte essa lógica se organiza num campo espacial definido que está diretamente ligada às formas pelas quais certos lugares são reconhecidos como fundamentais para aqueles que nela estão em busca de uma relação divina. Igreja Nossa Senhora das Dores, Capela do Socorro, Colina do Horto e Santo Sepulcro, são alguns dos lugares mais visitados. Nos tempos de romaria ela se transforma. Entrando também num processo de negação de si mesma. Gilmar de Carvalho define bem essa questão, lembrando que parte da cidade se ausenta, para ela como um todo ganhar “[...] a condição de outra cidade, santa” (1999, p. 90).



Essa cidade mítica, que se sobrepõem à cidade convencional é aquela na qual os territórios sagrados ganham relevo e mostram seus significados. Porém, estes espaços por hora modificados são parte dela própria, estando nela durante todo o ano e fundamentando a sua própria história política e social. De certa forma, a romaria, é o espaço de tempo no qual a veracidade da importância do patrimônio material se faz mais visível.

Porém, o fluxo constante de devotos, a corriqueira permanência de alguns dos visitantes, faz com que alguns desses espaços sejam mais caracterizados como locais voltados para a religiosidade, que é o caso da Rua Caminho do Horto, onde realizamos a série que aqui apresentaremos.

2. OBJETIVO

O objetivo desse trabalho foi elaborar, com base na fotografia, uma narrativa que falasse por si só e que tivesse relevância cultural para a região. Reconhecemo-nos como integrantes dessa região e nosso recorte foi influenciado, em parte, por nossa vivência e empatia com o tema escolhido.

Para Milton Guran (2000, p. 155) a fotografia pode ter duas finalidades: obter informações ou enunciar conclusões. Não partimos de uma hipótese de trabalho formulada, portanto, não haviam conclusões a serem feitas. Evitamos, assim, que as informações que obtivemos de forma espontânea precisassem se adequar a teorias construídas antes de se ir a campo. Neste ponto, levamos em consideração o pensamento de Pierre Verger, que acreditava que:

A tendência consiste, consciente ou inconscientemente, em relegar pormenores, escutar certas vozes de preferência a outras, interpretar alguns dados em demasia, impondo-lhes um sentido que não têm (SOUTY, 2011, p. 35).

Pretendíamos mostrar o cotidiano das rezadeiras da comunidade do Horto a partir da figura de dona Maria Iraci, figura conhecida e respeitada no local. Tivemos o cuidado de não mostra-la apenas sob o viés religioso inerente ao seu ofício, mas também registrar um pouco da sua intimidade, sua relação com a família e com a população do Horto.



3. O DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

O papel das rezadeiras continua vivo no dia-a-dia de comunidades rurais ou de baixa renda. A falta de acesso ao serviço médico, aliada à fé católica, leva a população a procurar os serviços dessas mulheres. Através do registro do cotidiano de dona Maria Iraci é possível ter uma ideia do panorama das praticantes deste ofício no bairro do Horto e discutir sobre a inserção dessas mulheres em um ambiente onde a população tem cada vez mais acesso à informação.

Escolhido o tema a ser fotografado, selecionamos inicialmente três mulheres, em locais diferentes do Cariri. Por motivos de acessibilidade e também por acreditar que, por se tratar de uma atividade da disciplina Fotojornalismo, seria importante um recorte mais definido, já que limitando “[...] o escopo a um indivíduo ajuda a definir o foco da série. A identidade da pessoa, repetida em cada foto, amarra toda a matéria e dá continuidade ao layout.” (KOBRE, 2011, p. 238). Antes de começarmos as fotografias, fizemos visitas de reconhecimento para nos aproximarmos e conhecermos um pouco sobre a vida e a rotina de dona Maria Iraci. Não pretendíamos ir a campo apenas para coletar informações e imagens. Queríamos vivenciar aquele ambiente. Por sorte, dispusemos de tempo para almoçar, tomar café, conversar e brincar com as crianças de nossa personagem.

Optamos por fazer poucas perguntas e sempre de modo informal, sem gravadores ou blocos de anotações, pois esperávamos que ela nos desse, espontaneamente, as informações que julgasse mais importantes. O ato de nos colocarmos como entrevistadores poderia acuar ou induzir respostas, como nos diz Jérôme Souty: “A natureza das perguntas e a maneira de fazê-las muitas vezes revelam mais do próprio pesquisador que as respostas revelam do informante”(2011, p. 37)

Travado o contato inicial e estabelecido certo laço entre nós e nossa protagonista, estávamos confortáveis para fotografar e ela, para ser fotografada. Guiamos nossa narrativa de forma a mostrar um dia comum na sua vida. Acompanhamos dona Maria em uma de suas rotineiras idas ao caminho que leva à estátua do Padre Cícero, no alto da colina do Horto. Mesmo tendo algumas dificuldades em relação à presença de outras pessoas, pois muitos também gostariam de ser fotografados e nos foi difícil manter a



concentração. Optamos por uma documentação visual cuja condução veio dos próprios fazeres de Maria Rezadeira, seu percurso e seus encontros ditaram nosso processo de acompanhamento e a construção da narrativa.

Entrar no universo de Maria foi adentrar numa cultura específica, na qual nossas representações cotidianas não estão totalmente sintonizadas. Estar nesse ambiente foi uma oportunidade de conhecer uma realidade que não é a nossa, foi visitar um universo particular por meio de novos elementos, um mergulho num mundo que não é o nosso. Segundo Vilém Flusser (1985, p. 18):

[...] os movimentos de um fotógrafo munido de aparelho (ou de um aparelho munido de fotógrafo) estará observando movimento de caça. O antiquíssimo gesto do caçador paleolítico que persegue a caça na tundra. Com a diferença de que o fotógrafo não se movimenta em pradaria aberta, mas na floresta densa da cultura.

O autor afirma ainda que, “A selva consiste de objetos culturais, portanto de objetos que contém intenções determinadas” (FLUSSER, 1985, p. 18). Foi isso que intuímos, na nossa busca de elementos que nos desse a possibilidade de conhecer a retratada e sua realidade específica.

O resultado final do nosso percurso foi uma série com um total de 33 imagens. Acompanhamos o percurso de dona Maria da estátua do padre Cícero, no alto da colina, até a sua casa, de modo que é possível subdividir a série. As fotografias em plano aberto permitem analisar o ambiente em que vive a rezadeira e deixam claro seu lado religioso. Sua casa, como quase todas as outras da comunidade, tem um grande altar com imagens católicas na sala. Fazendo uso de um enquadramento mais fechado vemos o que, talvez, seja uma grande diferença de dona Maria em relação às outras senhoras ao seu entorno: brincos, acessórios, roupas coloridas. Notar tais elementos na retratada, mais que uma simples constatação de seus modos de vestir ou sinais de sua personalidade, nos parece, ser uma exteriorização visual de sua personalidade cujo teor detém muito da sua história e que nos permite avançar com nossa aproximação em busca de uma melhor compreensão do indivíduo.

Aquele que busca documentar um determinado assunto ou modo de vida, e que se difere do seu universo convencional, busca por meio do reconhecimento de exterioridades



formas de entender melhor o outro. Reconhecer os adereços, as vestes, os símbolos, torna-se caminho para a aproximação. Para Milton Guran (2000, p. 160), esses elementos visuais, ao serem notados quando de uma abordagem, enriquecem o desenvolvimento das séries, pois “[...] a função da fotografia é a de destacar um aspecto de uma cena a partir do qual seja possível se desenvolver uma reflexão objetiva sobre como os indivíduos ou os grupos sociais representam [...]”. Assim, o fotógrafo se apropria de elementos que o ajudem a apresentar aquilo que é retratado.

Com relação a isso é pertinente uma colocação de Kossoy a esse respeito, ele lembra que devemos dar atenção a este processo de mediação, no qual o fotógrafo é uma ponte entre si mesmo e o fato, gerando a sua interpretação. Diz ele:

A eleição de um aspecto determinado – isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético -, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bom como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influenciam decisivamente no resultado final [...] (2003, p. 42).

Mesmo não se tratando de um trabalho com fins etnográficos, nossas imagens acabam permitindo um diálogo com questões específicas de um determinado grupo e lugar. Algumas pontuações de Milton Guran, no tocante ao uso da fotografia para registro de rituais, são relevantes. Segundo ele, a fotografia “[...] propicia uma descrição mais completa e detalhada de situações complexas [...] ela pode, por exemplo, marcar etapas de um ritual, destacar a posição precisa de personagens, seus gestos, indumentárias [...]” (GURAN, 2000, p. 162).

Assim, encaramos a fotografia como uma forma de aproximação que tem suas maneiras e formas apropriadas de captar sentidos, de gerar pareceres, sobre eventos e acontecimentos. No campo das manifestações religiosas, as vestimentas, objetos sagrados, os gestos e expressividades são carregados de simbolismos. Tal cenário nos permite que o fotografemos atrelados a significados próprios do grupo observado que, depois, ao se tornarem representações fotográficas que dão, aos seus observadores, formas de apropriação e reconhecimento de comportamentos específicos.



4. CONTANDO UMA HISTÓRIA COM IMAGENS

A narrativa proposta é de acompanhar a retratada na sua rotina, desta maneira organizamos as imagens em quatro blocos distintos: o preparo para o processo ritual, a sua realização durante o percurso, o retorno de Maria Rezadeira para casa e, por último, ela na sua intimidade.



Acima vemos a relação de dona Maria com um instrumento importante do seu trabalho: as folhas. Cada uma delas só é usada uma única vez, pois, segundo a crença, as ervas “absorvem” tudo aquilo que faz mal à pessoa em que se está rezando.



Ao percorrer a Rua Caminho do Horto, Maria Rezadeira vai sendo procurada pelas pessoas que querem ou precisam de uma oração. Apesar de normalmente a procura por rezadeiras estar relacionada às doenças físicas, mostramos aqui três outras situações: na primeira fotografia, a mulher retratada queria casar e teve, portanto, os seios ungidos com as folhas. No segundo quadro, o rapaz pedia proteção antes de uma viagem, enquanto no terceiro, o problema era de “mau olhado”. Em todos os casos, dona Maria não recebeu pagamento, apenas pequenos agrados, como uma garrafa de refrigerante ou uma passagem de ônibus.





Após um dia no entorno da estátua de Padre Cícero na Colina do Horto, Maria retorna para sua casa. Esse percurso é feito a pé, apesar da distância e da idade avançada.



Maria na sua casa, onde vive com a irmã, o cunhado, a sobrinha e dois sobrinhos-netos. A rezadeira nunca se casou e não tem filhos. Na sala, como em quase todas as casas do Horto, há um altar de devoção com santos católicos. As figuras de padre Cícero e Frei Damião têm mais destaque que a de Jesus Cristo, o que também não é incomum. Dona Maria, segundo ela própria, começou o ofício após receber uma cura do frade italiano radicado no Nordeste, e mantém por ele profunda devoção, assim como pelo “padim Ciço”. No quintal, ela planta as ervas que precisa para rezar.

5. CONSIDERAÇÕES

Com este trabalho conhecemos um pouco do panorama das rezadeiras da comunidade do Horto a partir a figura de dona Maria Iraci. Foi possível observar que, mesmo proclamando a fé católica tradicional, essas mulheres praticam a religiosidade popular sem questionamentos quanto a isso, utilizando ervas ditas sagradas ao mesmo tempo em que evocam santos católicos e populares.

As orações e, por vezes, os chás, os lambedores e outros tipos de remédios caseiros trazem alívio para males como dores, resfriados ou problemas de coluna, mas não são apenas doenças físicas que levam as pessoas a procurarem uma rezadeira. “Mau olhado”, depressão ou simplesmente um pedido de proteção também são motivos pelos quais as pessoas recorrem a elas.

Foi interessante notar que mesmo o acesso à informação e às novas tecnologias não limita a procura por este serviço, que não está restrito a uma faixa etária, religiosa, social ou às pessoas da própria comunidade. Durante o período em que realizávamos a série, dona Maria foi procurada por evangélicos, católicos, moradores locais e turistas,



com idades bastante variáveis. Durante os períodos de romaria, pessoas de todo o Nordeste batem à porta das rezadeiras para receberem bênçãos e curas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Gilmar de. **Madeira matriz – cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1999.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**, vol. 10. Rio de Janeiro: Campo de Imagem/UERJ, 2000.

KOBRE, Kenneth. **Fotojornalismo: Uma abordagem profissional**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

_____. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SOUTY, Jérôme. **Pierre Fatumbi Verger: do olhar livre ao conhecimento iniciático**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.